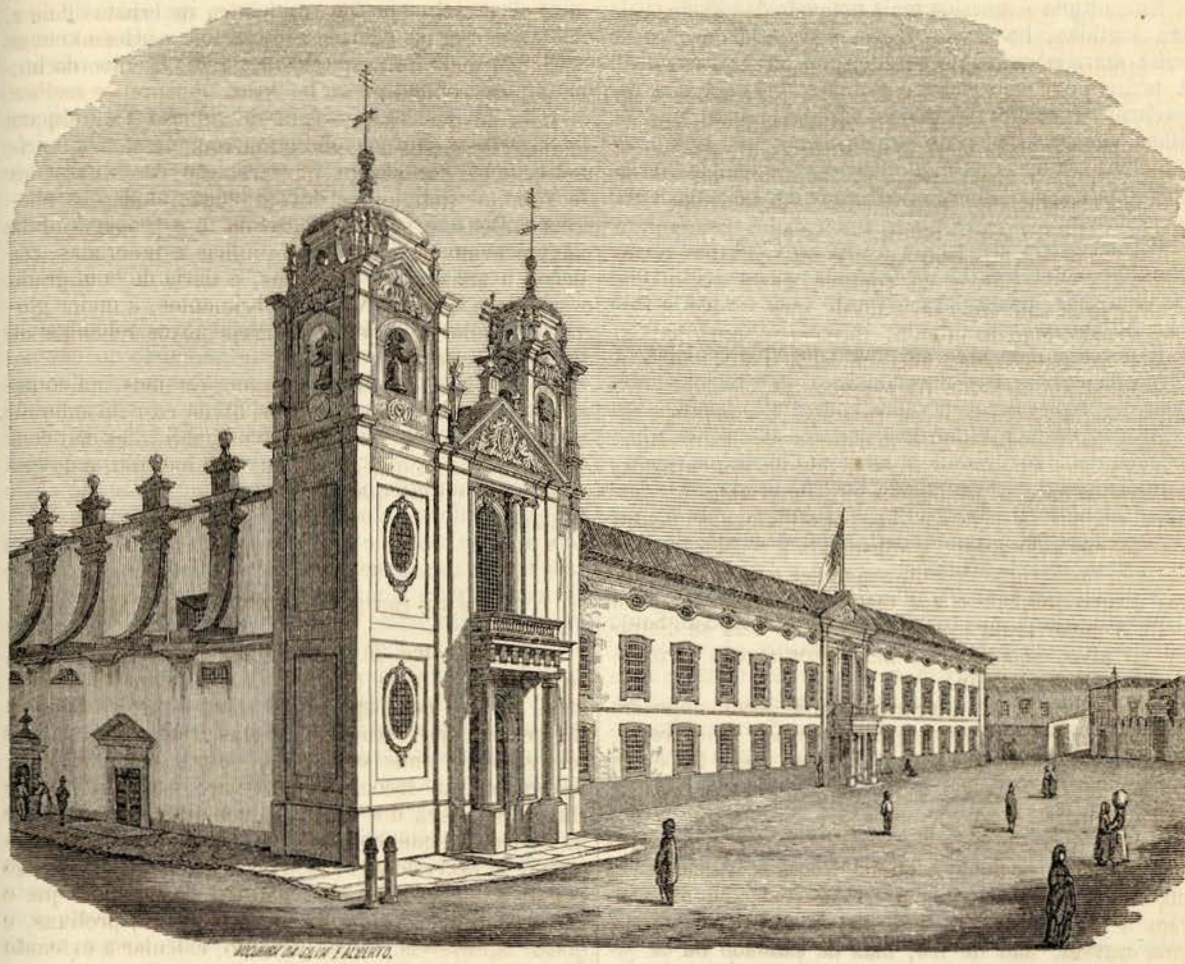


Antigo collegio de Nossa Senhora do Populo, hoje quartel do regimento de infanteria n. 8

BRAGA

CAMPO DA VINHA E ANTIGO COLLEGIO DE NOSSA SENHORA DO POPULO

Já temos dito n'outras occasiões que a cidade de Braga, attenta a área que occupa, leva vantagem a todas as povoações do reino, sem excepção alguma, na quantidade e grandeza das suas praças. E n'isto consiste um dos principaes predicados da sua belleza, e uma das boas condições da salubridade que desfructa.

Depois do bello e vastissimo *campo de Santa Anna*, de que tratámos em outro volume do *Archivo* [1], é o *campo da Vinha* a maior praça de Braga. Plano e bastantemente amplo, está situado em uma das extremidades da cidade, do que lhe resulta a agradavel visinhança de prados e arvoredos que se mostram, a pouca distancia, nos espaços que os edificios deixam livres entre si, no fundo do mesmo campo. Foi este aberto por ordem do arcebispo primaz D. Agostinho de Castro, um dos prelados da diocese bracharense que mais concorreram para o engrandecimento e aformoseamento da cidade. Não se limitou, portanto, á abertura da praça: adornou-a tambem com dois edificios religiosos, um dos quaes, principalmente, dá uma alta idéa da munificencia do fundador. É o *collegio de Nossa Senhora do Populo*.

Lançou-se a primeira pedra nos alicerces d'este edificio em 1595, e, apesar de ser construido com grandeza, com tanta diligencia e actividade se trabalhou n'elle, que em poucos annos foi concluido, e logo entregue á ordem dos eremitas de Santo Agostinho, para a qual fôra expressamente fundado.

Dotou liberalmente este collegio D. Agostinho de Castro, dando-lhe rendas sufficientes não só para a sustentação da communidade, que se compunha de trinta e tantos religiosos, mas tambem para o estabelecimento de aulas de theologia, que os mesmos religiosos ficaram obrigados a ter sempre abertas ao publico.

Pela extincção das ordens religiosas em 1834, foi o edificio do collegio posto á disposição do ministerio da guerra, que o deu para quartel do regimento de infanteria n. 8; destino que tem conservado até ao presente, tendo-se-lhe feito interiormente algumas obras para o adaptar a este novo serviço.

Ergue-se este edificio no fundo do *campo da Vinha*, que é o lado do sul, achando-se desaffrontado por todos os lados. Á vista da nossa gravura, cópia de uma photographia, seria superfluidade se fizessemos a descripção da sua frontaria. Bastará, pois, observar, que o architecto delineou com tal regularidade e nobreza a fachada do antigo collegio, hoje quartel, que mais parece um palacio que um convento de eremitas. E quanto á egreja, soube o artista construil-a em harmonia com o edificio contiguo, dando-lhe egual regularidade e nobreza de fórmas, sem as prejudicar com uma ornamentação excessiva ou pouco apropriada ou mal distribuida, como se vê na maior parte dos nossos monumentos erigidos n'aquella epocha, e segundo o

[1] Vid. os artigos e gravuras a pag. 49 e 293 do vol. VI.

mesmo estilo, que é o do renascimento. São tambem aquellas feições que mais predominam no claustro e no interior do templo.

Este ultimo é um dos mais notaveis da cidade, pela sua vastidão, boas proporções, e riqueza da obra de talha doirada com que se adornam as suas capellas. A pedra de construcção é granito, que, por sua côr uniforme e escura, é pouco agradavel para nós, os filhos das provincias do sul do reino, que nos acostumámos a ajuizar da magnificencia dos templos, principalmente, pela belleza e variedade dos marmores que os revestem.

É consagrada a egreja a *Nossa Senhora do Populo*, que tambem se intitula da *Graça*, cuja imagem avulta no altar-mór, tendo para a servir uma confraria com esta ultima invocação.

É o templo de uma só nave com seis capellas no corpo da egreja, tres de cada lado, e a maior, todas bem decoradas e conservadas com muito aceio.

Na capella-mór estão dois grandes mausoléos, collocados debaixo de dois arcos. Em um d'elles repoisa o fundador, D. Agostinho de Castro, e no outro o sabio e virtuoso D. Fr. Aleixo de Menezes, que foi arcebispo de Góa, primaz do Oriente, e depois de Braga, primaz das Hespanhas.

A capella de Christo, que é a primeira da parte do Evangelho, junto ao cruzeiro, encerra o corpo de Santa Susana, virgem e martyr bracharense.

A sacristia é espaçosa e contém um famoso sanctuario com muitas reliquias venerandas.

Na egreja celebra-se o culto divino com muita decencia, e fazem-se n'ella festividades com bastante pompa.

A cêrca do antigo collegio, que se estende por detraz do edificio, é grande e aprazivel. Tem horta, pomar e um lindo bosque de carvalhos, com várias capellinhas e diversas fontes, algumas d'ellas de agradavel architectura, sobre tudo a chamada do *Menino de jaspe*, por ter a estatua de um genio debaixo de uma cúpula sustentada por delgadas columnas. Na parte mais alta da cêrca está uma capella do *Senhor crucificado*, em volta da qual corre uma varanda, d'onde se descobrem muitas legoas de um paiz accidentado e formosissimo.

Guarnecem o *campo da Vinha* mais os seguintes edificios religiosos: o *seminario*, cujo templo é consagrado a S. Pedro, e foi fundado pelo veneravel arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres; o *mosteiro do Salvador*, de freiras bentas, fundação do arcebispo D. Agostinho de Castro no anno de 1602; o *recolhimento de Santo Antonio;* e uma *ermida de Nossa Senhora do Amparo*. Os monges benedictinos tiveram aqui um hospicio. I. de Vilhena Barbosa.

UM AMOR DE PAGEM

(Vid. pag. 51)

É já noite, noite fria e clara. A lua illumina a fachada do palacio, e espraia a sua candida luz na arida paizagem que se estende em torno do paço. Fatigados da viagem, os hospedes recem-chegados tinham-se recolhido aos seus magnificos aposentos; mas as sombras que perpassavam por diante das janellas illuminadas indicavam bem que ainda Morpheo, como diria o conde da Ericeira, não cingira a fronte das pessoas reaes e de seus servidores com as suas coroas de dormideiras. Em torno do paço vagueavam algumas patrulhas de cavallaria, velando pela segurança de seus amos. Aqui e além scintillava um raio da lua no cano da espingarda das sentinellas immoveis ás portas do palacio. Estas sentinellas eram dadas por duas companhias que para alli tinha destacado o regimento de Setubal. Nas janellas da sala dos Tudescos, que ficava logo ao cimo da escadaria principal, viam-se brilhar, illuminadas pelos tocheiros que ardiam no meio da casa, as fardas vermelhas, agaloadas de oiro, dos archeiros da guarda allemã, todos ufanos com os seus novos uniformes, que lhes tinham sido recentemente determinados por D. João v.

Tudo silencio cá fóra. Apenas a mudez nocturna era interrompida pelo cair da agua das bicas na toalha de agua do vastissimo tanque, acabado havia pouco, onde sessenta cavalgaduras podiam beber juntas com desafogo. No ceo, perfeitamente azul, não corria uma só nuvem. A lua campeava no firmamento, envergonhando com o seu fulgor as timidas estrellas, cuja luz desmaiada a custo se divisava.

Se o leitor, deixando o palacio e evitando as patrulhas de cavallaria, se for aproximando do tanque, se se debruçar, scismando ao som do melancolico bater da agua na agua, para a liquida superficie, onde brilha a imagem da lua, ouvirá, de certo, a pouca distancia o segredar cauteloso de duas vozes, uma de tenor e outra de baixo profundo, que a muito custo consegue afinar-se pela primeira. Caminhe na direcção d'essas vozes, e verá dois vultos embuçados em capas, que se dirigem vagarosamente, conversando de manso, para a porta do palacio.

— É tenção feita, Braz Mattoso, dizia a voz de tenor; occasião melhor do que esta não a posso, de certo, encontrar. Em Lisboa, que difficuldades se não oppõem a que eu, pagem do duque de Cadaval, possa conquistar uma entrevista, tão favorecida por todas as circumstancias, com a condessa de San-Pablo, dama de honor da sra. princeza do Brasil! Aqui, na confusão inseparavel da viagem, da pouca demora, do nenhum conhecimento que os servidores do paço tem dos corredores e casas do palacio, que eu conheço perfeitamente por ter aqui vindo com o tenente coronel Luiz Garcia de Bivar, quando este foi posto pelo marquez de Marialva ás ordens do sr. duque, a fim de tratar dos preparativos de mudas para a viagem, aqui tudo me é propicio. Já sei onde são os aposentos da condessa. Sei tambem que tarde se deita, porque está até altas horas velando o somno da sra. princeza do Brasil. Esperal-a-hei, quando voltar para a sua camara, dir-lhe-hei tudo quanto ha muito encerro no coração, e, ah! se não são mentirosos os meus presentimentos, não serão completamente repellidos os meus votos pela divindade que adoro, e então, Braz Mattoso, então serei eu o mais feliz de todos os mortaes.

— Valha-me Deus com os rapazinhos d'este tempo, tornava o baixo profundo, que ainda hontem se desmamaram, e já andam com amoricos. Mas, meu querido sr. D. Luizinho, para que se foi logo metter em cavallarias tão altas? Conheço eu fidalguinha em Lisboa que está morrendo que o pagemzinho do sr. duque de Cadaval lhe arraste a aza, e o pagemzinho sem mais nem menos logo escolhe a hespanholita por quem el-rei anda tonto. Que estas cachopas de Hespanha, *caramba*, tem, na verdade, um *salero* que é da gente se babar por ellas! Ai! tempos! tempos! quando cá o Braz Mattoso tinha lume no olho e todo se requebrava, e torcia o bigode, ao ver as *manolas* de Madrid saracotearem-se, meneando os leques e conchegando as mantilhas. E ellas, hui! morriam pelo *portuguezito*. Ah! ah! bom tempo, já lá vae!

E o digno Braz Mattoso soltou um alentado suspiro.

— Não corro o menor perigo, continuou D. Luiz, que o ouvira com impaciencia; tenho já no meu quarto um vestido de mulher para envergar por cima do meu fato, a fim de que o tudesco de sentinella aos quartos das damas de honor me deixe passar. Elles estão todos a cair de somno, e pouco dispostos a cumprir escrupulosamente o seu dever de sentinellas. A mi-

nha adorada condessa, ainda que a minha subita appariçāo a sobresalte, de certo nāo ousará gritar. Já vês que tudo calculei.

— Pois sim, meu menino, pois sim! tornou Braz Mattoso, que, tendo-o quasi criado, lhe dava frequentemente esse epitheto familiar. Mas repare que se, por um acaso, é apanhado, vae fazer ahi no palacio um reboliço de seiscentos demonios. E qual será o desgosto do sr. duque de Cadaval, que tantas mercês tem recebido de sua magestade, que tem a honra até de ser cunhado del-rei, porque a sra. duqueza, como o meu menino sabe, é filha natural do sr. D. Pedro II; que desgosto nāo terá se uma pessoa da sua casa, e a quem elle é, como todos sabem, tāo affeiçoado, commette um crime d'estes na occasiāo em que s. exc. acaba de receber del-rei uma prova de tanta consideraçāo, como foi ir sua magestade em pessoa, faz ámanhā um mez, deitar agua benta no tumulo onde jazem o pae e o irmāo de meu amo, os srs. duques D. Nuno e D. Luiz, no convento de S. Joāo Evangelista da cidade de Evora, e nāo só...

— Vae bugiar, bradou o moço pagem irritado com a interminavel ladainha que o sota-cavallariço ia recitando em tom lamuriento; que diabo tem o sr. duque de Cadaval com as loucuras que eu fizer?

— Deus nos acuda! Deus nos acuda! tornou o digno Braz Mattoso, ninguem lhe póde ir á māo. Ao menos, menino, faça-me uma coisa.

— O que é?

— Deixe-me acompanhal-o. Indo eu com o menino sempre poderei evitar que lhe succeda algum mal.

— Tu estás doido, homem! tornou o pagem impaciente; pois entāo se eu, para entrar, tenho de me vestir de mulher, como queres tu...?

— Mas é que eu tambem me visto de mulher, acudiu o honrado sota-cavallariço com imperturbavel gravidade.

A idéa de ver o velho soldado, com os seus formidaveis bigodes, vestido com trajos femininos, pareceu tāo divertida ao galante pagem de loiros cabellos e mimosa tez, que, sem poder dizer uma palavra, desatou a rir, a rir com tanta vontade, que os soldados de uma patrulha de cavallaria que passára por ao pé d'elles n'essa occasiāo, presenciando a homerica hilaridade de D. Luiz de Mello, desataram a rir tambem, sem saberem de que se tratava, por esta especie de propriedade contagiosa que o riso possue quando é franco e sem malicia.

Mas o bom do Braz Mattoso, que soffria tudo ao seu menino, nāo estava disposto a conceder os mesmos privilegios a quaesquer pessoas; por isso, vendo no riso dos dois soldados de cavallo uma offensa á sua dignidade, estacou defronte d'elles, e já principiava a retorcer os bigodes e a franzir a sobrancelha, quando reparou que o pagemzito, continuando a rir, deitára a correr em direcçāo á porta do palacio; este incidente dirigiu n'outro sentido as suas idéas, e o honrado Braz Mattoso, nāo fazendo caso dos soldados, que principiavam a espantar-se da attitude provocadora que elle tomára, atirou com as dobras da capa para cima do hombro, e, segurando no comprido espadim, para que este se lhe nāo embaraçasse nas pernas, desatou a correr atraz de D. Luiz.

D'esta vez os soldados da patrulha miraram-se com espanto, benzeram-se e disseram um para o outro:

— Santo nome de Deus! Estes homens tem o diabo no corpo.

O pobre Braz Mattoso ficou com a fama e nāo teve o proveito. Quando chegou ao fundo da escadaria, já nāo viu o pagem. Entāo parou, esteve alguns instantes a meditar, e depois, como se tomasse uma resoluçāo definitiva, voltou á esquerda, enfiou pelos corredores, atravessou as cozinhas, onde ainda havia muito movimento, a casa da cera, que, segundo diz fr. José da Natividade, *nāo precisava mais luz para se ennobrecer do que ver-se tāo rica e honrada*, a ucharia, a mantearia, e parou finalmente na casa da roupa. Bateu de manso á porta, e entrou apenas uma voz roufenha lhe disse que podia abrir. Estava só uma velha no aposento. Braz Mattoso saudou-a familiarmente e fechou a porta.

Os resultados d'esta conferencia depois os saberemos. Entretanto, vamos ter aos aposentos do nosso pagem.

Foi cessando a pouco e pouco o movimento que ainda havia no palacio; foram-se apagando as luzes dos differentes quartos, e na fachada principal apenas tres ou quatro janellas ainda se ostentam illuminadas. Uma d'ellas é a do secretario de estado Diogo de Mendonça Corte-Real, que está expedindo as ordens necessarias para a entrada solemne que sua magestade ha de fazer na sua muito leal cidade de Lisboa.

As vidraças da maior parte das janellas nāo sāo illuminadas por luz alguma do interior. Em compensaçāo, a lua banha-as com o seu clarāo melancolico.

Nāo se ouve senāo o ruido da agua, os passos vagarosos dos cavallos das patrulhas, e a bulha accidental de uma ou de outra janella que se fecha.

Só a janella do quarto de Diogo de Mendonça continúa illuminada, e, juntamente com ella, a da sala dos Tudescos e a de outro quarto, do qual emana a luz suave de uma lampada de alabastro.

Abriu-se a porta da camara de D. Luiz de Mello, e um vulto de mulher appareceu timidamente no limiar. Espreitou em roda, e, nāo vendo viva alma, atravessou com aéreo pé os corredores, que parecia conhecer perfeitamente. Subiu as escadas e chegou á porta dos aposentos das damas de honor.

Um archeiro velava, ou, antes, procurava velar, encostado á alabarda.

— Criada da sra. condessa de S. Pablo! murmurou em hespanhol o vulto feminino.

O archeiro quasi que nem se moveu. Fez apenas com a cabeça um signal imperceptivel.

O vulto passou, seguiu o longo corredor, e, chegando a uma porta conhecida, parou e esteve um instante com a māo na aldrava, sem se atrever a abrir. No silencio da noite quasi que se lhe podiam sentir as pulsações do coraçāo.

Finalmente, abriu; por mais leve que fosse a bulha que fez, sentiram-n'a. Uma voz feminina perguntou de dentro:

— Quem é?

O aposento, vasto como todos os de Vendas-Novas, compunha-se de tres camaras: uma de entrada, outra que servia de toucador, e ao lado a alcova. O vulto, cujas peregrinações seguimos, parou na casa de entrada. A voz feminina vinha do toucador.

— Quem é? perguntou essa voz de novo, mas revelando já uma certa inquietaçāo.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

O QUE É TER CARACTER

Definamos primeiro o vocabulo *caracter* nas suas principaes accepções.

Assim em relaçāo ao physico como em relaçāo ao moral, nāo será o caracter o que distingue a especie no genero e o genero na especie?

Os povos, os homens e os animaes tem fórmas, inclinações, habitos e feições que lhes sāo proprios. Isto é o que constitue o caracter de cada um.

Applica-se naturalmente a palavra ás producções das artes. Na pintura e na esculptura chama-se cabeça sem caracter á cabeça que nāo tem expressāo; e outro tanto se diz da musica insignificante. Na architectura, falta

caracter a um edificio quando os seus ornatos não são conformes ás regras, nem analogos ao uso para que foi construido. O caracter, no primeiro caso, é synonymo de expressão, e de estilo no segundo.

Dá-se tambem o nome de caracter ás pedras preciosas, ou ás peças de metal cinzeladas com certas figuras, ás quaes se attribuem virtudes mirificas, por causa da influencia da constellação em que foram gravadas ou fundidas. N'este caso, caracter é synonymo de talisman, objecto maravilhoso que livra de maleficios, segundo a opinião dos ignorantes.

Chamam-se caractéres, na typographia, ás peças de metal onde estão gravadas as letras, e aos signaes que estas letras deixam no papel. Aos caractéres da imprensa, digamol-o entre parenthesis, em linguagem vernacula, devemos chamar typos. A letra feita com a penna tem vulgarmente o nome de caracter.

Lavater tinha a vaidade de reconhecer, sómente pelo talho da letra, o caracter do homem que a traçára. Era uma de suas ridiculas illusões.

Em diplomacia, o caracter é a qualidade que reveste o agente de uma nação acreditado em outra. Foi n'este sentido que Duclos, quando se dirigiu a Voisenon, homem sem caracter, que um soberano allemão nomeára ministro plenipotenciario em Paris, disse graciosamente:

—«Dou-lhe os parabens, sr. Voisenon, porque já tem caracter.»

Na accepção geral, caracter indica as qualidades moraes, e as virtudes ou vicios que imperam no individuo, e lhe formam, por assim dizer, a physionomia da alma. N'este sentido, o caracter está para o homem como o instincto para o animal: é a tendencia a que obedece, o norte que o dirige, se porventura não o guiam por caminho diverso; e a essa tendencia se dobrará sem remedio logo que esteja em liberdade. Cada homem tem, pois, um caracter: tal não poderá guardar um cofre, como um lobo não sabe guardar um redil; e tal não terá animo para entrar na guerra, como a gallinha não tem para se defender da raposa.

Na locução que se analysa agora, caracter tem um sentido differente e especial. *Ter caracter* é ser constante, firme, pertinaz, valoroso e perseverante. Mas, sob este titulo, quantos caractéres não ha incompativeis com o verdadeiro caracter! A irresolução, a inconstancia, a timidez e a deslealdade são acaso caractéres pronunciados, e, todavia, não comprehendem a perseverança que constitue o caracter propriamente dito.

Os homens d'este caracter são como a cera, que qualquer, sem difficuldade, modifica a bel-prazer. É Prusias que pensa de um modo quando está com Annibal, e de outro quando ouve Flaminio; ou Cassandra, que é sempre da opinião do ultimo que falla.

O homem de caracter é, pelo contrario, o que domina os outros, e a quem a natureza creou, illuminando-lhe prodigiosamente a razão, para governar os homens e as coisas. A sua palavra tem a accentuação da auctoridade, e o seu rosto o cunho da superioridade.

É uma alma de bronze que não se póde abrandar, e cuja vontade, similhante á bala, não suspendendo a carreira, anniquila o obstaculo que se lhe antepõe, ou cae sem força no solo. Tal foi Catão, de Utica, que, não podendo destruir a felicidade de Cesar, se anniquilou de encontro a ella; tal foi Bruto, que, mais afortunado, graças á sua fingida estupidez, conseguiu quebrar as cadeias dos romanos; e tal foi tambem Mahomet, que póde ser recebido como enviado de Deus na mesma cidade d'onde o expulsaram como impostor, sendo propheta na sua terra, apesar do proverbio.

Estes homens possuem a alavanca de Archimedes. Dae-lhes a base, e abalarão o mundo. Cesar achou a base, porque substituiu a republica pelo imperio.

Nada ha mais admiravel que o homem de caracter combatendo pelos principios. É quem basta ás vezes para salvar os estados.

E nada ha mais temivel que o homem de caracter sem principios. Como tudo lhe é bom, chegará aos fins sem se importar com os meios. Os homens d'esta especie tem muita vantagem sobre os demais, porque sabem mascarar os recursos do crime com a influencia da virtude.

O que não poderá conseguir, com astucia e audacia, o homem d'aquelle caracter?

Ha na historia individuos que apresentam na vida duas phases distinctas, andando uma sempre a par da outra, isto é, notavel talento e refinada malvadez, sendo, apesar d'isso, singularmente felizes. Para estes a felicidade não vem pela estrada real, mas pelos atalhos. Caprichos do destino!

Venhamos, porém, ao bom sentido, ao verdadeiro sentido, á accepção moral. O homem que *tem caracter*, em o nosso entender, é aquelle a quem se póde applicar esta locução juntamente com os versos, tão conhecidos de todos e sempre memoraveis, do nosso Sá de Miranda:

Homem de um só parecer,
De um só rosto, uma só fé,
D'antes quebrar que torcer.

B. A.

OS TURCOMANOS

Os turcomanos são povos da Asia central, que habitam os paizes situados entre o mar Caspio, o lago de Aral, a Persia e a Boukharia.

Constituem diversas tribus; algumas d'estas, sujeitas ao kan de Kiva, occupam-se exclusivamente de agricultura; as outras são independentes e nómadas. Estas ultimas vivem em uma região mais plana que montanhosa, e mais arida e esteril que amena e fertil. A sua principal occupação é pastorear gados, que é o seu unico elemento de riqueza, e de que tiram quasi todos os seus recursos. E por esta razão, o que os determina a andarem errantes é a necessidade de procurar n'outros logares melhores ou novas pastagens para os seus rebanhos.

Compõem-se os rebanhos de bois e vaccas, ovelhas, carneiros e cabras, camelos e cavallos. Já se vê que o leite faz parte do sustento d'estas tribus turcomanas, que, não obstante serem pouco dadas á agricultura, quando chegam a algum sitio de terrenos frescos e productivos, onde acampam, não se contentam sómente de ver os gados alegres em meio de abundantes pastagens, mas tambem lançam á terra alguns cereaes, e, em quanto não fazem a colheita, não mudam de vivenda.

Como succede a todas as tribus errantes, não perdem qualquer occasião que se lhes offereça para roubarem os viajantes que tem a desgraça de lhes cairem nas mãos. E mui felizes se devem considerar estes se porventura os deixam com vida e em liberdade para continuarem a sua viagem.

Professam o islamismo todas estas tribus, mas, como pertencem á seita de Omar, tem grande antipathia aos persas.

São de estatura mediana, membrudos, robustos e ageis. Tem os olhos grandes e vivos, o nariz geralmente aquilino, os cabellos negros, e a tez entre clara e morena.

Não lhes permitte a vida vagabunda que edifiquem cidades ou villas. Vivem acampados em tendas dispersas, isto é, sem regularidade na sua collocação,

mas a pequena distancia umas das outras. Quando acampam proximo de montanhas em que ha grutas, preferem estas ás suas proprias tendas.

Como não se empregam em ramo algum da industria manufactora, precisam receber dos estranhos as fazendas de que fazem o seu vestuario, e bem assim os utensilios domesticos de que usam. E isto conseguem de dois modos: roubando e commerciando.

No primeiro caso, para que a colheita seja mais proficua, não se limitam a roubar algum triste passageiro que veiu casualmente atravessar ou passar perto dos seus acampamentos. Vão de proposito em grandes partidas, e bem armados, esperar as caravanas nos sitios por onde ellas costumam transitar. Pondo-se á mira, escondidos, se o logar se presta a emboscadas, ou em algum oiteiro, d'onde se possam descobrir ao longe as caravanas, ou as assaltam, caíndo de improviso sobre ellas, se se reputam mais fortes; ou esperam que passem para depois investirem os que, por qualquer accidente, ficaram mais atrazados.

D'est'arte se fornecem de quasi tudo que necessitam, pois que nas caravanas encontram não só grande cópia de fazendas de algodão, lã e seda, e variedade de generos, mas tambem muita diversidade de utensís que os commerciantes e viajantes levam para seu uso n'essas longas e penosas jornadas através de desertos.

Quanto ao commercio, reduz-se este a concorrerem aquellas tribus, em certas epochas do anno, a um porto do mar Caspio, aonde então acodem alguns navios russos, e ahi se faz um mercado, trocando generos por generos. N'este porto não ha casas nem po-



O kolburi, ceremonia antenupcial dos turcomanos

voação alguma. Em quanto dura o mercado ha alli muito bulicio e movimento, pois que, além dos turcomanos, concorrem mais outros povos chamados *kirghiz;* porém, assim que termina esta especie de feira, todos desapparecem, e o logar de tão grande reunião fica inteiramente deserto.

Os russos levam as mercadorias do seu paiz para offerecer a estas diversas tribus nómadas, recebendo em troca algumas cabeças de differentes especies de gados, ou pelles, e outros despojos d'estes, ou, em fim, objectos roubados aos viajantes e ás caravanas.

A lingua turcomana parece composta do arabe e do persa.

Nas suas mudanças procuram assentar o acampamento nas proximidades de um rio ou de uma fonte, tanto para terem agua para as necessidades da vida, como para fazerem as abluções prescriptas pela sua religião.

As tendas que lhes servem de habitação são feitas communmente de um tecido de lã escura e grosseira. Proximo de cada barraca enterram algumas estacas, ás quaes prendem os cavallos durante a noite, deixando-os sellados e promptos para um caso de necessidade repentina. Do mesmo modo tem tudo disposto para entrouxarem e partirem em poucos instantes.

Com tal viver e taes habitos não podia deixar de ser um povo selvagem, mas aguerrido. A sua principal recreação consiste em exercicios militares, de que resulta sobresair no manejo da lança e na equitação.

N'esta ultima até as mulheres se distinguem. E talvez d'este exercicio se originasse um costume mui singular que tem este povo, e que é commum a todas as tribus errantes da Asia central. É uma ceremonia que precede as nupcias, á qual dão o nome de *kolburi*, que quer dizer *raposa verde*, e que se executa do modo seguinte:

Vestem-se o noivo e os seus amigos com o melhor fato que possuem, levando na cabeça barretes ponteagudos, feitos de pelle de cabra negra. Assim preparados, montam nos seus cavallos mais corredores e dirigem-se á barraca dos paes da noiva.

Quando alli chegam já a noiva os está esperando,

montada em soberbo corcel, trajada com os seus mais ricos vestidos, e enfeitada com todo o genero de adereços e louçainhas, que lhe foi possivel adquirir para dar realce á sua formosura, e para fazer ostentação da riqueza de seus paes n'esse dia, que é para ella o mais solemne e memoravel da sua existencia.

Apenas a cavalgada chega ao pé da noiva, recebe esta de sua mãe um cordeirinho, que logo põe diante de si, atravessado sobre o pescoço do cavallo. A donzella está sentada sobre o sellim, como um homem, subjugando o animal com ambas as pernas, e tendo os pés mettidos em estribos. Com a mão esquerda empunha as rédeas, e com a direita, um pouco erguida, segura o cordeiro pelos pés.

Assim apercebida, fitando no rosto do futuro esposo os olhos denunciantes do affecto que lhe abraza o peito, dá rédea ao cavallo, e, incitando-o quanto póde, larga a todo o galope. Em seguimento da donzella correm, a mais não poder, o noivo e os seus amigos. Aquelle, a quem o amor dá azas, vae na frente, todo engolphado no pensamento de arrebatar o cordeirinho das mãos da virgem.

Não deseja ella outra coisa senão deixar-se roubar, mas quer fazer custosa a victoria, para que a sua agilidade e destreza de cavalleira lhe grangeiem fama na sua tribu e a façam digna do seu amado adversario.

Em quanto não se crê bem certa de ter adquirido jus á gloria que ambiciona, não poupa diligencias para excitar o corcel a redobrar de esforço. Até que, em fim, já satisfeito o orgulho da sua alma, permitte ao coração que satisfaça os seus mais férvidos desejos. O feliz amante consegue então apoderar-se do cordeiro, que é como o talisman que lhe vae entregar o objecto do seu amor.

Alcançado o triumpho, volta a festiva cavalgada, caminhando na frente os dois desposados. O vencedor, radiante de felicidade, vem mostrando o trophéo da victoria aos da tribu que lhe saem ao encontro. Depois vão apear-se os esposos junto da barraca nupcial, onde todos se apressam a ir felicitar a cavalleira pela habilidade e galhardia com que domava e dirigia o fogoso corcel.

A nossa gravura representa esta singularissima scena dos costumes dos turcomanos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O INFANTE D. HENRIQUE.

(Vid. pag. 55)

III

A fortuna, tão inconstante de ordinario, nunca se cançou de acompanhar o mestre de Aviz. Desde o primeiro até ao ultimo dia seguiu-o fielmente, e elle justificava a excepção. Firmada a paz com a coroa de Castella, em 1411, tinha applicado todos os cuidados á administração interna, provando que não era só nos campos de batalha que o seu engenho podia resplandecer. Severo, e até inflexivel, se o rigor se lhe representava necessario, foi cicatrizando a pouco e pouco as feridas profundas da guerra da independencia, e espertando e engrossando por tal modo as fontes da prosperidade publica, que não tornou menos glorioso o nome como principe e como legislador, do que o fizera sobresair nas armas como insigne capitão.

Seus filhos, dignos da austera eschola em que haviam sido criados, principiavam a sair da adolescencia, e na viçosa edade dos brios juvenis recordavam entre si, invejando-as, as proezas dos cavalleiros da Ala dos Namorados e da Tavola Redonda. D. Duarte, o mais velho, apenas contava vinte e tres annos; D. Pedro vinte e dois; e D. Henrique vinte sómente. Os infantes D. João e D. Fernando ainda estudavam sob a tutela vigilante de sua mãe. Vendo os filhos em sua florente primavera, o mestre de Aviz desejava esmaltar-lhes mais as prendas com o grau de cavalleiros, e queria para isso ordenar uma ceremonia pomposa, em que, na falta de facções guerreiras, a destreza e o garbo dos infantes encontrassem, ao menos nos lances cortezes dos torneios, competidores illustres, em que se empregassem, e admiradores que os applaudissem. Estava, porém, muito longe ainda de conceber a expedição que encerrou por um feito memoravel o occaso de sua venturosa carreira.

É de suppor que D. João I declarasse aos infantes a intenção em que estava de os armar cavalleiros em festas reaes, que durassem um anno, convidando para ellas todos os cavalleiros e fidalgos da christandade. Gomes Eannes de Azurara, testimunha quasi contemporanea do successo, assim o affirma [1]. Mas elles, dominados do ardor de realçar em luctas mais graves a estreia de suas armas, julgando essas justas pequena occupação para animos como os seus, juntaram-se um dia na camara de seu pae, e decidiram rogar-lhe que proporcionasse ao seu valor mais nobre ensejo, do que jogos e pompas para ostentarem a fortaleza do braço e a ousadia do coração. Assentada, porém, a paz entre Portugal e o reino visinho, faltava campo de verdadeira guerra, aonde os tres irmãos, e com elles o conde de Barcellos, poucos annos mais velho, podessem realçar o nome e a fama do mestre de Aviz. Acudiu-lhes quasi no fim da pratica a Providencia, pela boca de João Affonso, vedor da fazenda, mais moço na edade madura para commettimentos arrojados, do que muitos mancebos fogosos. Depois de ouvir os principes e de lhes louvar a vontade, o vedor da fazenda lembrou-lhes a facção de Ceuta, cidade infiel das mais opulentas de Africa, encarecendo-lhes o atrevimento do feito e a gloria do triumpho.

Accederam facilmente, e inflammados em enthusiasmo, fallaram todos quatro a el-rei, pedindo-lhe que escolhesse a empreza de Ceuta para os armar cavalleiros na mesquita da cidade conquistada por elles. O mestre de Aviz, escutando-os, sorriu-se lisongeado dos brios que lhe recordavam os annos de sua juventude, mas interiormente determinou pesar primeiro com sereno juizo os perigos e as vantagens, consultando o voto dos conselheiros experimentados, que o tinham esclarecido nas complicações mais delicadas do governo. Se o valor natural o inclinava ao desejo dos filhos, a prudencia suggeria-lhe objecções politicas de vulto contra a guerra de Africa, e o assumpto requeria em todo o caso detido exame. Deveria elle, com vinte e nove annos de reinado e cincoenta e sete de edade, sair de leve como capitão de aventuras, arriscar a vida e a bolsa dos subditos, enfraquecer o reino, e facilitar aos castelhanos a conquista de Granada, que os tornaria mais poderosos?

Expoz estas dúvidas aos principes, e convidou-os a resolvel-as. Meditaram, discorreram entre si, e encarregou-se o infante D. Henrique de desatar todas as difficuldades. A substancia dos argumentos que elle invocou encontra-se nas paginas do seu chronista valido, Gomes Eannes, e demonstra que n'aquelle espirito a idéa e a acção amanheciam ligadas. As hesitações do soberano acabaram de se desvanecer com os seus discursos, e o orgulho do pae ensoberbeceu-se de ver o filho tão discreto e tão brioso. Abraçando-o com a boca cheia de riso, quiz que elle fosse, em premio, o mensageiro da boa nova que os irmãos aguardavam anciosos. Não cabe em quadro tão resumido entrarmos na descripção particularisada das prevenções que el-rei dispoz com todo o recato, e do segredo impenetravel com que dissimulou á Europa os seus preparativos, a fim de conservar os inimigos desapercebidos. Os

1 *Chronica del-rei D. João* I, p. III, cap. VII.

leitores acharão todas estas noticias na terceira parte da sua *Chronica*, escripta por Gomes Eannes, e na que depois se publicou, composta por Duarte Nunes de Leão. Apontaremos sómente alguns episodios mais notaveis, porque retratam as feições da epocha e o caracter dos personagens.

Quando a conquista de Ceuta, approvada pelo conselho e pelo velho condestavel Nuno Alvares Pereira, se reputou negocio decidido, fallaram os infantes á rainha todos juntos, e receando assustar-lhe a ternura, fundaram a justiça da empreza em motivos de grande certeza e de segura glorificação da fé, procurando mover-lhe o animo, não só a não se declarar contraria, mas a interceder em seu favor com D. João I. D. Filippa de Lencastre era esposa digna do mestre de Aviz, do primeiro cavalleiro das Hespanhas. Sabía conter e calar os melindrosos affectos de mãe para attender ás elevadas obrigações de rainha. Ciosa da reputação dos filhos, não duvidou recommendar o feito com palavras, que pintam assaz o seu grande coração. Restava, comtudo, ainda o mais arduo, a confidencia, de proposito retardada, da partida de D. João I, o qual resolvêra acompanhar os filhos a Ceuta, coroando com esta proeza ultima a sua existencia de soldado. Não foi sem infinitos rodeios que o rei se atreveu a rasgar o véo, por calculo apertado até então n'aquelles olhos, que viam tão bem dentro da sua alma, e aonde elle por tantos annos sempre lêra o mais extremoso e arraigado amor. Afeito a affrontar os perigos nos campos de batalha, o mestre de Aviz sentia-se timido e pequeno na presença do grande sobresalto que ia causar, e receava mais as vozes severas da esposa, do que em tantos conflictos o ferro e os arremessos dos inimigos.

O modo por que explicou á rainha o intento revela claramente as apprehensões que o atalhavam. D. Filippa era mulher, e mulher de altos espiritos e de robusto juizo. Conhecia-a. Mais de uma vez, em casos extremos, seguíra o seu conselho, e não ignorava que a menor opposição da sua parte suscitaria á sua ida obstaculos insuperaveis. Lembrando, pois, as instancias d'ella em favor dos filhos, procurou justificar por este meio a necessidade de os guiar em pessoa, para não se arriscarem de leve, provocando algum desastre irremediavel. Ouvindo-o, por mais esforçado que tivesse o peito, a ternura da esposa prevaleceu, e as lagrimas rebentaram-lhe dos olhos. Foi só um momento porém. Reprimindo-se logo, e fallando, não como mulher apaixonada, mas como rainha e mãe, D. Filippa combateu a vontade do marido, allegando as mesmas razões politicas com que, em segredo, D. João I muitas vezes a si proprio se arguíra. Era sisudo expor em um lance, distante e temerario, a sorte da dynastia e a do reino, deixando a monarchia sem cabeça que de prompto acudisse a um revez, para ordenar os soccorros, se fossem indispensaveis, para moderar os infortunios, se, apesar de não esperados, elles escurecessem os horisontes? O mestre de Aviz guardava para este apuro suas armas mais finas — sabía o unico argumento que podia convencel-a. «Não é, respondeu, para renovar aventuras de mancebo, que na edade grave ficariam mal a um rei, que determino passar a Ceuta; o meu proposito sóbe mais alto. Até aqui todas as minhas victorias alcancei-as contra Castella; trago as mãos tintas no sangue de christãos. Não parece que o ceo me offerece esta occasião para as lavar da nodoa e para expiar todas as culpas, abrindo as portas de Africa ao Evangelho, e convertendo em templos as mesquitas?» Tocada no mais intimo de sua alma piedosa, a rainha cedeu. Não pôde, ou não ousou insistir mais contra o que a religião e a consciencia lhe diziam ser do serviço de Deus. Voltou-se, pois, para Elle, e abraçada com a fé, conforme com a vontade celeste, implorou do Senhor dos exercitos mais um dia ditoso para as armas de Portugal, mais um dia de triumpho para a lei da graça [1].

A morte avisinhava-se porém; a peste ardia no reino, e Sacavem, entrada do flagello, era a esse tempo a residencia da rainha. Pediu-lhe D. João I que o acompanhasse a Odivellas, mas D. Filippa, desejando demorar-se por algumas horas a fim de acabar suas devoções na egreja, prometteu partir depois do meio dia. Colheu-a o contagio aos pés dos altares, e feriu-a de modo que principiou a causar inquietação. Avisados logo el-rei e os infantes, correram cheios de cuidado e de anciedade. No começo a enfermidade insidiosa encobriu o maior perigo, e as esperanças só fugiram aos que a rodeavam quando a molestia se aggravou.

Quem não se enganava com illusões era a rainha, e, proxima da hora suprema, o grande amor em que se desentranhava pelos filhos, revelou-se em harmonia com a elevação do caracter e com a pureza das virtudes. Antes de se despedir para sempre d'elles quiz entregar-lhes por sua mão as espadas que mandára aprompțar para se armarem cavalleiros, as quaes João Vasques de Almada lhe trouxera ricamente guarnecidas havia pouco. A fórma por que lh'as deu, e as exhortações que tornaram tão valioso este derradeiro brinde, foram minuciosamente narradas pelo velho chronista Gomes Eannes de Azurara, que, sem o cuidar, competiu na singeleza da pintura com o seu émulo inimitavel Fernão Lopes, traçando-nos uma das scenas mais nobres e interessantes do viver e crer da meia edade portugueza n'este periodo [2].

D. Filippa chamou os filhos em roda do leito, e vencendo em si a dor para não exacerbar a alheia, começou pelo principe D. Duarte, offerecendo-lhe a espada que tinha para elle, e recommendando-lhe que, herdeiro de seu pae, fosse o defensor natural da justiça, sem distincção de grandes e pequenos, e que nunca arrancasse o ferro da bainha senão pela razão e pela verdade a fim de proteger os povos. Ao infante D. Pedro observou: «Meu filho! Porque sempre desde a meninice vos vi muito chegado á honra e serviço das donas e donzellas, que é coisa que especialmente deve ser encommendada aos cavalleiros, e porque a vosso irmão encommendei os povos, recommendo-as a ellas a vós, as quaes vos rogo hajaes sempre em vossa guarda.» Por mais fortes que fossem os peitos dos mancebos, as palavras e o padecimento da mãe cortavam-lhes o coração. Suffocados em lagrimas e traspassados, ajoelharam para ouvir seus ultimos conselhos e receber a ultima benção.

Com o infante D. Henrique augmentou mais ainda em todos a tristeza. Para lhe fallar, a rainha, que lia em sua alma a profunda saudade da separação, disfarçou com um sorriso mavioso a mágoa, e revestindo-se de apparente alegria, disse-lhe: «Meu filho, chegae-vos!» Depois, encarecendo-lhe as obrigações do nome e do sangue, encarregou-o de ser o amigo e o protector dos direitos e merecimentos dos fidalgos. O principe, dobrando o joelho, inclinou-se diante d'aquella benção de amor e de esperança, e jurou cumprir fielmente o que sua mãe lhe ordenára. Filho querido e mimoso de D. Filippa, a qual parecia adivinhar os grandes futuros que a Providencia lhe reservava, ninguem sentiu mais do que elle a immensa perda que ia cobrir de sombras o reino, transformando de repente em prantos e lucto os jubilos festivos da expedição que D. João I e seus filhos haviam apparelhado, bem descuidados do golpe terrivel que a precedeu.

(Continúa) REBELLO DA SILVA.

1 Gomes Eannes de Azurara — *Chronica del-rei D. João* I, p. III, cap. XXXVII. *Chronica del-rei D. João* I, por Duarte Nunes de Leão, cap. LXXXII.

2 Gomes Eannes — *Chronica del-rei D. João* I, cap. XL.

CARAVELA DE CHRISTOVÃO COLOMBO

Caravela é o nome que antigamente se dava a barcos pequenos e ligeiros, que apparelhavam com velas latinas ou triangulares; mas se na origem esta denominação era applicada a pequenos barcos, no fim do seculo XV tinham o mesmo nome navios de maior lotação, posto que não muito grandes. Os navios que compunham a esquadra de Christovão Colombo eram caravelas; a maior chamava-se *Santa Maria*, tinha 30 metros de comprimento aproximadamente, e de lotação 100 toneladas. Quatro mastros formavam o seu apparelho; o de prôa tinha duas vergas com duas velas quadrangulares; os outros tres mastros tinham velas latinas triangulares. Possuia este navio uma unica coberta, e um castello á prôa e outro á pôpa, como todas as embarcações da epocha.

A caravela *Santa Maria* era commandada por Christovão Colombo; as outras duas, *La Pinta e La Niña*, eram commandadas por Martin Pinzon e Vicente Pinzon; eram navios menores; a *Niña* tinha só velas latinas. Todas estas embarcações manobravam com extrema facilidade, e demandavam pouca agua; qualidades mui dignas de apreço n'uma viagem por mares desconhecidos; a pequenez dos navios tambem era vantajosa para facilitar o aproximarem-se das costas, acharem abrigo nas bahias e portos, e proverem-se de viveres, aguada, etc. Todas estas considerações determinaram tambem que se adoptassem navios pequenos para a expedição de Vasco da Gama, em 1497.


Caravela de Christovão Colombo

É Genova que reclama a honra de ser a patria de Christovão Colombo, posto que outras localidades, Savone, Cologneto e Cuccaro lh'a disputem. Tambem se não sabe ao certo o anno do seu nascimento; uns fixam a data de 1436, outros de 1441. Filho de um cardador de lãs, oriundo de uma illustre familia de Piacenza, Colombo, depois de estudar na universidade de Pavia, entrou na marinha genoveza aos quatorze annos de edade, fazendo diversas viagens no Mediterraneo e nos mares do levante, e cultivando as sciencias mathematicas em que se tornou mui erudito.

Em 1470 veiu Colombo a Lisboa, casou com a filha do grande nautico Perestrello, com quem fez diversas viagens, e de quem herdou muitas derrotas, cartas e observações. Parece que foi o exame d'estes importantes documentos, juntamente com os das viagens de Marco Polo, diversos calculos e tradições, que o levaram a julgar que, navegando para o occidente, encontraria a costa oriental da Asia e a ilha de Cipango. Tendo feito propostas para emprehender esta navegação á republica de Genova, e depois ao rei D. João II de Portugal, e vendo-as successivamente rejeitadas por ambos os paizes, dirigiu-se a Hespanha em 1484, onde, depois de luctar com a miseria, o escarneo, a incredulidade e as intrigas, conseguiu, no fim de oito annos, que os reis Fernando e Isabel, depois de terminada a guerra com os moiros, lhe concedessem as tres caravelas de que acima fallámos.

A 3 de agosto de 1492 a expedição saiu de Palos, pequeno porto de Andaluzia, ao mesmo tempo que de Inglaterra chegava um irmão de Colombo com resposta favoravel, da parte do rei Henrique VII, ás propostas do illustre navegante genovez.

Depois de uma viagem atormentada pelas revoltas das guarnições, avistou Colombo a terra de S. Salvador, á qual, julgando ser a costa oriental da Asia, deu o nome de Indias Occidentaes. Depois de descobrir Cuba e Haïti, voltou a Hespanha em março de 1493, sendo feito almirante e vice-rei. Segunda vez voltou á America, descobrindo S. Domingos, Guadalupe, Antilhas, Jamaica, etc. Para se justificar das calumnias que contra elle tinham propalado alguns dos seus companheiros que haviam ficado em Hespanha, voltou á corte de Fernando e Isabel, d'onde, recuperando outra vez o valimento, e cheio de riquezas, emprehendeu terceira expedição em 1498, explorando então a costa da America, desde o Orenoco até Caracas.

De novo calumniado na corte de Hespanha em 1500, enviou o governo o capitão Bovadilla para o mandar retirar; mas, excedendo as suas instrucções, Bovadilla prendeu Colombo e remetteu-o em ferros para Hespanha. Á sua chegada, porém, a indignação publica foi tal, vendo infamemente tratado o descobridor do novo mundo, que o governo o mandou soltar. Em quanto a Bovadilla, caído em desgraça, morreu de naufragio á saída de Haïti.

Colombo voltou quarta vez á America, mas já não foi como vice-rei. Depois de ser expulso de Haïti pelos seus antigos camaradas, em lucta com a fome pôde obter alguns viveres dos indios, annunciando-lhes um eclipse. Voltando a Hespanha em 1504, já não existia a rainha Isabel, que o protegia; e o rei Fernando deixou-o morrer em Sevilha [1], no meio dos desgostos e da miseria. Ao menos não chegou a ouvir chamar America ao mundo que tinha descoberto, do nome de um seu piloto florentino, o qual, pela publicação do seu diario, fez adoptar desde 1507 o nome usurpado que ainda hoje conserva. Chamava-se Americo Vespucio, e fez várias viagens por ordem do rei D. Manuel de Portugal. Os restos de Colombo foram transportados para S. Domingos em 1536, e depois trasladados para a Havana em 1795. Ultimamente a cidade de Genova erigiu-lhe um monumento na praça de *L'acqua verde*.

FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

Se um mestre ensinasse as letras a um seu discipulo de graça e com grande trabalho, e este usasse d'ellas para lhe armar uma calumnia e patrocinar a seus injustos accusadores, que infame acção te parecia? Este é o peccador que, dando-lhe Deus engenho e capacidade para o servir, o emprega em inventar novas maldades, e só serve de tropeço para os ignorantes e de mau exemplo para todos.

P. MANUEL BERNARDES.

[1] Segundo alguns, Colombo falleceu em Valladolid, sendo, por disposição testamentaria, trasladado para o convento dos Cartuxos em Sevilha.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio